

O povo como objeto de estudo: perspectivas históricas e filosóficas

Fernando Amed¹

Resumo: valendo-se de uma abordagem forjada na historiografia francesa do século XX, bem como na perspectiva filosófica cética e que se aproxima do procedimento genealógico nietzscheano, o presente ensaio pretende sinalizar algumas hipóteses acerca do tratamento dispensado ao conceito de povo na modernidade. Entendeu-se aqui, que na maioria das vezes, os sentidos que aderiram à concepção de povo parecem ser bem próximos de um idealismo, o que parece sinalizar o dilema que é o de falar pelos outros e, ainda mais, numa abstração. Assim, o povo como agente de transformação, como um gigante não desperto, como portador de uma sabedoria, dentre outras alusões metafóricas, parece indicar precisamente essa filiação idealista.

Palavras-chave: Povo. Teoria do contemporâneo. Narrativas.

Abstract: Using an approach forged in the French historiography of the twentieth century, as well as in the skeptical philosophical perspective and approaching the Nietzschean genealogical procedure, this essay intends to indicate some hypotheses about the treatment of the concept of people in modernity. It has been understood here that, for the most part, the senses that have adhered to the conception of the people seem to be very close to an idealism, which seems to signal the dilemma that is to speak for others, and even more so in an abstraction. Thus the people as agents of transformation, as a giant not awake, as a bearer of wisdom, among other metaphorical allusions, seems to indicate precisely this idealistic affiliation.

Keywords: People. Contemporary theory. Narratives.

Uma história do povo poderia ser elaborada e deveria então levar em consideração as alterações evidenciadas nesse conceito. Seria então como uma espécie de História Social do Povo, à moda dos historiadores dos *Annales* que buscavam perceber os

¹ Doutor em História pela FFLCH da Universidade de São Paulo. Professor do Curso de Artes Visuais da Belas Artes de São Paulo e do Museu da Imagem e do Som. Seus principais objetos de estudo se concentram na análise do contemporâneo, estabelecendo um diálogo entre história, arte e estética, filosofia e literatura. Pesquisa, leciona e orienta nas áreas da história da arte, estética e filosofia.

Submetido em Setembro de 2015, Aprovado Novembro de 2015, Publicado Jan 2017

indícios – a utensilagem mental – presentes nas aspirações e ambições remetidas aos nomes e significados de algumas palavras. Nessa direção, Phillipe Aries nos brindou com as atitudes dos homens perante a morte, provendo-nos de perspectivas diferenciadas e retirando-nos então da “vala comum” que poderia ajuizar que a morte foi percebida e notada da mesma maneira que hoje fazemos. (ARIÈS. 2014)

Uma história do povo ou das diferentes formas de tomá-lo, invariavelmente poderia também fornecer surpresas especialmente para aqueles que operam com os conceitos como se esses fossem estáveis, ou então como se fossem fruto de um aprimoramento histórico numa grade que vai da inconsciência à razão. O autor deveria se esforçar em afastar-se de todo o risco de “contaminação” ideológica, uma vez que essa palavra pressupõe um encaminhamento de toda espécie de luta e confronto, não só, mas especialmente pela propriedade da sua definição mais “real”. (SOWELL. 2011)

Interessante então seria buscar o contato com a concepção de povo entre os hebreus e o que os manteve unidos – uma vez que povo parece sempre possuir um significado de muita gente. O mesmo talvez fosse notado de forma distinta na concepção romana expressa nos estandartes aproximando o povo do senado romano e tomando-o numa escala bem menor daquela que talvez tenha sido inaugurada na Revolução Francesa. Outro aspecto não de menor importância poderia se remeter aos valores morais direcionados ao conceito de povo.

Peter Solerdijk nos fala da transformação do povo em sujeito e aproxima essa passagem, de modo irônico, às ambições hegelianas de configuração da substância em algo concreto: a manifestação do espírito ou da razão. Essa proximidade pode ser um importante guia para a discussão, uma vez que o povo parece mesmo se manifestar primeiramente na forma de um conceito idealizado, mesmo que primeiramente a sensação empírica é que tenha sido notada. Os franceses, dada a aproximação ao racionalismo filosófico, estão entre os primeiros a demarcar esse traço idealizado e que conferiu ao povo um sentido próximo do bom ou do mal, ou seja, recuperando proximidades com o itinerário bebido no platonismo.

Tendo em mente esses indícios, o que se pretende aqui é mapear uma impressão acerca das chamadas manifestações populares na contemporaneidade, em especial, a maneira com que são percebidas em nosso país. Tomo o Brasil por acreditar que convivam aqui traços modernos – um mercado de consumo de bens e serviços, bem como aspirações

típicas daquelas que se tornaram comuns a partir da década de 50 nos Estados Unidos, além do convívio de uma sociedade laicizada com setores religiosos que não se mostram radicais. Em nossa experiência brasileira, não temos a religião como meio para, por exemplo, exorcizar as tensões interpostas pelo “mercado”. O aspecto demonizado do capitalismo que aparece em profusão, vem aqui aproximado de uma certa união entre cristianismo latente com a teleologia marxista. Muitos intelectuais de esquerda em nosso país foram batizados e crismados na sua infância e se remetem aos “excluídos” à moda de Jesus aos pobres. Mas eles possuem automóveis, *smartphones*, viajam, aproximam-se do *joie de vivre* e são hedonistas: enfim, foram gestados na modernidade.

Esse aspecto de superioridade – “pai, eles não sabem o que fazem”; o mito do intelectual orgânico; as vanguardas – aparece amiúde nas falas que são produzidas acerca das manifestações populares. E é sobre isso que queremos falar: a idealização da participação popular.

A concepção de manifestação popular já apresenta problemas de definição. E entre nós já se configura em ambição e expectativa por algo tomado como positivo. A idealização já demonstra a cooptação do significado e do sentido da palavra. Um monte de gente reunida, mais objetivamente poderia provocar outros estímulos que não da ordem da apreensão do futuro: os brasileiros acordaram; o povo se cansou; os protestos prenunciam um novo tempo, etc. Note-se que as pessoas saem de casa por diferentes motivos, muitos deles passíveis de serem tomados pela objetividade. No cotidiano das grandes cidades, convivemos com centenas de milhares de pessoas ao longo das avenidas, no trânsito, no caminho para o trabalho ou nos domingos e feriados, nos chamados espaços de lazer. Em geral, como aponta Elias Canetti, não gostamos disso. O trânsito nos incomoda e isso não é devido somente aos carros. A não ser que a presença deles nos lembre de nossos limites e frustrações ou quanto ao fato de não podermos possuir um igual aquele que está na nossa frente e que transfere a proprietário inúmeros aspectos de personalidade. De acordo com Canetti:

Não há nada que o homem mais tema do que o contato com o desconhecido. Ele quer ver aquilo que o está tocando; quer ser capaz de conhecê-lo ou, ao menos, de classificá-lo. Por toda a parte, o homem evita o contato com o que lhe é estranho. À noite ou no escuro, o pavor ante o contato inesperado pode intensificar-se até o pânico. Nem mesmo as roupas proporcionam segurança suficiente - quão facilmente se pode

rasgá-las, quão fácil é avançar até a carne nua, lisa, indefesa da vítima. (...) Tal aversão ao contato não nos deixa nem quando caminhamos na rua em meio a outras pessoas. A maneira como nos movimentamos na rua, em meio aos muitos transeuntes, ou em restaurantes, trens e ônibus, é ditada por esse medo. Mesmo quando nos encontramos bastante próximos das pessoas; mesmo quando podemos observá-las bem e inspecioná-las, ainda assim evitamos, tanto quanto possível, qualquer contato com elas. Se fazemos o contrário, é porque gostamos de alguém, e, nesse caso, a iniciativa da aproximação parte de nós mesmos. (CANETTI, 1995, p. 13)

Suspeito que se fôssemos predominantemente pedestres, iríamos também nos incomodar com a dificuldade de se andar nas ruas e pensaríamos num rodízio de gente. Gastaríamos horas de nossos dias procurando encontrar um critério politicamente correto para a definição de quem poderia sair às ruas e em qual horário. Salvo os jovens e as celebridades pop, não gostamos de acotovelarmo-nos sem um motivo inspirador. O fazemos pela necessidade de sobrevivência e ela é um fardo milenar. Mas reclamamos do trânsito ou da necessidade de ter que sobreviver? Ou será que reclamamos muito ou então aceitamos as reclamações dos outros desconhecidos apenas como uma espécie de reserva de mercado para demandas que poderemos ter no futuro? Conheceremos algum tipo de limite suposto para a satisfação de nossos desejos?

Tomando o automóvel como o que ele é, desprovido então de todo o fetiche – sei que não sobra quase nada, uma vez que o carro, quando não é o bem que ressignifica o seu proprietário, é a personalização nefasta do capitalismo – temos somente um meio de locomoção de um lado para outro. Vivêssemos numa sociedade que se valesse do cavalo, e sendo ele acessível a muitos, e teríamos outras mazelas. Esterco para todo lado seria a mais visível, além dos ruídos propriamente ditos. Chego a supor que não apreciamos tanto assim o convívio com um mar de gente, a não ser em situações mais centradas, tipo *megashows* ou jogos de futebol. Mas mesmo assim, gostaríamos da privacidade se essa fosse possível.

Peter Solterdijk nos aponta uma situação moderna em que as multidões se reuniam sob o crivo de um líder carismático. Tal espetáculo já vem sendo tratado nas balizas da catarse. Tratava-se então de um certo esgotamento da individualidade por conta da transferência de si próprio para a figura de um líder. Acredito então que o uníssono das grandes aglomerações oferecesse algumas certezas divididas parcimoniosamente entre

todos. Mas, mesmo assim, é provável que individualismos aparecessem e que alguém se sentisse, mesmo em que em meio à massa, percebido pelos olhos do orador de plantão.

Nada mais moderno do que o sentimento de apaziguamento das incertezas e da recuperação da instável fé nas possibilidades de chegada felicidade no futuro. A isso, o mantra “o povo unido jamais será vencido” somente pode ser levado à sério se for tratado e tomado como um sintoma de uma patologia. Por quanto tempo suportaríamos a união com a massa e o esgotamento de nossos desejos e aspirações que se parecem tão individuais como nossos sonhos e histórias particulares? Mas se as passeatas e agitos populares do século XX, aproximavam-se das expectativas geradas pelos autos-de-fé medievais, com a diferença de que o povo tomava o lugar de Deus, o que temos na contemporaneidade?

De acordo com Sloterdijk:

A massa não reunida e não reunível na sociedade pós-moderna não possui mais, por essa razão, um sentimento de corpo e espaço próprios; ela não se vê mais confluir e agir, não sente mais a sua natureza pulsante; não produz mais um grito conjunto. Distancia-se cada vez mais da possibilidade de passar de suas rotinas práticas e indolentes para um aguçamento revolucionário. Seu estado corresponde ao de um grupo gaseiforme, cujas partículas oscilam cada uma por si em espaços próprios, com respectivas cargas próprias de força e desejo e negatividade pré-política, e cada uma por si resistindo diante dos receptores de programa, renovando a dedicação à tentativa solitária de elevar-se ou divertir-se. A cada década por que a nova massa passa nesse seu estado “decomposto” ou desagregado, ela continua perdendo todo sentido para o lado impulsivo, infecciosamente borbulhante e arrebatadoramente pânco, do estar-aí (Dasein) em conjuntos que se contam em milhões e milhões. Mas, se observarmos bem, em tais milhões de indivíduos isolados aparecem ao fim e ao cabo mais os traços comuns que os individuais, mesmo que jamais se aglomerem em massa urgente e mesmo que então cada um deles permaneça imbuído pelo sentimento de sua singularidade e de sua distância de todos os outros. Massas que não se reúnem mais efetivamente tendem com o tempo a perder a consciência de sua potência política. Elas não sentem mais como antes sua força de combate, o êxtase de sua confluência e de seu pleno poder de exigir e tomar de assalto, como nos tempos áureos dos ajuntamentos e concentrações. A massa pós-moderna é

massa sem potencial, uma soma de micro-anarquias e solidões que mal lembra o tempo em que – incitada e conscientizada pelos seus porta-vozes e secretários gerais – deveria e queria fazer história como coletivo prenhe de expressão. (SLOTTERDIK, 2002, pp. 21, 22)

Pendo para a crença de que as manifestações na atualidade se equivalham às baladas ou *raves*. Pode ser que tenhamos nos cansado por algum tempo da ação pelas mídias sociais e nada melhor do que sair às ruas – para variar – com a intenção de protestar ou de ajudar os outros. A concepção de miséria alheia parece ser um valioso combustível para a comparação com o estado em que nos encontramos. Como Nietzsche apontava, sentimo-nos superiores quando notamos aqueles que estão numa situação de rebaixamento. Muitos de nós talvez precisemos mesmo nos depararmos com a pobreza do outro para dignificarmos a nossa condição de inferioridade. Essa é uma hipótese que tenho em relação ao desejo aparentemente mais puro de auxílio ao próximo, especialmente quando ruidoso e demarcado nas mídias sociais através de *selfies*. (NIETZSCHE. 2005)

Mas os participantes dos movimentos ainda não são os mesmos que estão escrevendo a sua história e demarcando os sentidos das ações. Não que com isso eu queira dizer que essas pessoas acreditem no que estão falando. Pode ser algo muito mais próximo da necessidade de se comportar de acordo com o que se estudou e que veio a possibilitar a permanência nos “escritórios” presentes nas academias contemporâneas. Que professor de um curso de humanidades poderia se colocar frente às manifestações populares com ceticismo? Haveria possibilidades e perspectivas de continuidade de seus trabalhos? Poderiam suspeitar das crenças de seus alunos, principalmente quando elas são devotadas aqueles que são considerados como desfavorecidos?

E o que dizer acerca da crença de que as manifestações sejam boas por conta de terem acordado o povo brasileiro? Acordado exatamente em relação ao quê? Acredito que essas impressões guardem ligações de proximidade com um direcionamento do “povo” quando em movimentos do passado que foram estabelecidos como “bons e positivos”. Há aí uma recuperação da ideia de liberdade ou de felicidade. Assim, a Revolução Francesa em seu período de terror vem sendo bem referenciada. O que se passa ali, ao menos quanto ao que vem sendo retomado, é a proximidade com uma espécie de metáfora fraca do paraíso. E a crença na libertação passa também pela laicização e pela

Submetido em Setembro de 2015, Aprovado Novembro de 2015, Publicado Jan 2017

luta contra todo tipo de controle, identificado então com o governo absolutista. Esquece-se então que todo autoritarismo é ruim e pensa-se num - a futura crença na ditadura do proletariado – como positivo: como poderia? (DELUMEAU. 1997).

As revoluções de esquerda – Rússia, Cuba e congêneres – são percebidas como positivas e a participação popular vem sempre sendo saudada. Produções literárias e cinematográficas costumam investir nessas nuances e o que se tem é um momento de redenção catártica. Mesmo movimentos que redundaram em completo autoritarismo costumam ser alçados à condição de atraentes. Nesse lapso, o que sobra que é tão pouco, ainda consegue alimentar novas e novas crenças. Falamos então de simpatias que se assumem como ponto de partida para as crenças que virão a seguir, sempre vistas pelos defensores como mais viáveis e positivas. (KIRK, 2007).

Parece-me que um único elemento deve ser levado em consideração e ele é a liberdade. E ela não guarda sempre proximidades com os movimentos populares. Eles talvez somente por acaso podem trazer ou oferecer algum tipo de acesso. Mas as democracias modernas como nos disse Tocqueville, possuem o fascínio pela maioria. E ela se arvora numa tirania. Os exemplos contemporâneos são muitos para que consigamos nos ater. Pensemos no entanto num só e que enfeixa uma multiplicidade: a égide da mídia social. Tomada como meio de comunicação, nada mais é do que uma alteração do que costumava estar diante de nós quando nos falávamos por qualquer tipo de possibilidade. Mas elevá-la à condição de agente de libertação já é uma quimera. As mídias sociais quando colocadas num degrau de superioridade, como estivéssemos no melhor dos mundos já se perfaz num mito contemporâneo. (TOCQUEVILLE. 2004).

São inúmeras as qualidades desse serviço e poderíamos somente mencionar as facilidades de acesso, de comunicação ou de suporte ao conhecimento que pode sim, se expandir. Mas não há nada que sequer se aproxime de uma escalada ou melhoria ao nível moral. Ou seja, o fato de podermos nos comunicar com mais facilidade ou trocarmos ideias ou juízos em público não oferece nenhuma perspectiva sequer de vantagem social.

Um naufrago teria ganho na loteria se pudesse se comunicar com ao menos uma pessoa. Seu pedido seria de ajuda e o resultado poderia então ser a salvação de sua vida. Fora dessa situação limítrofe, o ex-naufrago somente iria se comunicar – num blog – relatando o que viveu e as dificuldades por que passou. Nada mais. Supomos que da

maioria das coisas que pronunciamos uma minoria faça algum sentido para um número maior de pessoas. E se não formos assim tão interessantes? E se nossas fotos ou vídeos forem comuns e não interessem aos outros? E se não tivermos mesmo muitas coisas atraentes para serem relatadas aos outros? E se não tivermos mesmo nada de especial?

O embalo e a constante felicitação acerca das mídias sociais somente pode interessar ao mercado e nada mais do que isso. E se as TVs ou jornais somente se valerem do respeito à opinião pública conseguiremos caminhar mais do que os auto-de-fé da era medieval? Em que medida o povo unido se parece com a entusiasta audiência do circo romano?

Na *Psicologia das Massas* publicado por Sigmund Freud em 1920, observamos a paciente investigação do psicanalista em relação ao que poderia justificar ou até mesmo iluminar a aspiração pela permanência dos movimentos populares. Em se tratando de uma abordagem que se vale das premissas obtidas na psicanálise, Freud concede então um espaço significativo, como se sabe e reconhece, à afetividade, à libido ao esgotamento ou não do narcisismo. Trata-se então de uma brilhante síntese acerca de um objeto que, de acordo com os autores retomados por Freud, alçou à condição de importância. Para tanto, supomos que as manifestações populares tenham entrado em cena a partir de uma certa construção historiográfica da Revolução Francesa bem como da Revolução Russa. A reflexão de Freud antecipa também as grandes movimentações tão populares no fascismo e no nazismo. (FREUD. 2011).

Na atualidade, no entanto, parece-nos que a catarse se manifeste de outra forma. Tem sido observado com frequência que as manifestações contemporâneas não contam com a existência de líderes. O que parece haver é um embevecimento consigo próprio ou pelo fato de se estar naquele momento e naquela hora na manifestação propriamente dita. Algo parecido com o que se passava na década de 80 quando do contato com os chamados megashows de Rock. Naquelas ocasiões, a descoberta dos isqueiros que faiscavam nos estádios parecia oferecer uma perspectiva de participação individual naquele evento que era o de louvação à banda que lá estivesse. Atualmente, parecemos desejar eternizarmo-nos nas *selfies* e nos satisfazemos por simplesmente estarmos ali. De fato, nos shows do passado costumava-se inclusive portar camisetas com a inscrição: eu estive lá. Como se de fato, além do espetáculo em si - o que era o motivo da ida - um

outro momento se consagrasse somente pelo fato de se ter estado lá. (TWENGE and CAMPBELL. 2013).

As diferenças e distinções mais óbvias entre um caso e outro parecem claras. Com exceções - Live Aid, Concerto de Bangladesh - , não se ia a um show de rock com o objetivo de salvar o mundo. E essa aspiração está presente nos dias atuais. Talvez aí resida o aspecto mais infantil das movimentações contemporâneas, a saber a crença e a expectativa de se estar participando de algo que irá melhorar o mundo ou o país. Ou então de que se trata de um certo divisor de águas que venha então a mudar o rumo com que as coisas estavam indo até então.

Uma maneira de se contar a história pode ter alguma influência nessa nova configuração. Mas não somente. As demandas menos intelectualizadas também predominam e creio que elas independam da formação escolar. Nesse caso, as ambições pela posse de bens ou imóveis, terras ou afins perpassam a história da humanidade como um todo. Agitações de massa, a história exemplifica - deram suporte às revoluções que vieram a alterar profundamente, por exemplo, o modo através do qual as pessoas poderiam ter acesso aos pertences que ambicionavam ter e que supunham não ter acesso.

Creio que esses "líderes" se valham em algum momento de uma elaboração da história brasileira como se ela fosse uma narrativa romântica em que a participação popular nunca tenha de fato acontecido ou então que ela tenha sido solapada nos instantes mais decisivos. Nessa direção, a história contada assume ares de dramaturgia com um gosto bastante duvidoso. Suponho que uma tal abordagem, dê espaço para expressões contemporâneas que já nascem envelhecidas e desgastadas tais como povo excluído, jornadas de junho, etc. O que quero apontar é que as expressões já denotam algum espécie de expectativa em relação à continuidade e se traduzem em valores morais. Dessa maneira, não se pode supor alguém que vá contra ou que venha a lastimar as agitações sob a pena de ser visto e tratado como um reacionário ou autoritário. Estamos então abordando a idealização do povo como se esse substantivo fosse tomado e elevado aos patamares de uma moral positiva. Falamos então de uma ideia muito próxima das cogitações platônicas, ou seja, ela é perfeita e almeja o inteligível.

Mas talvez isso tudo sejam apenas ruídos, algo que num passado não tão distante era identificado com a metafísica religiosa, por exemplo. Pode ser também que algo dessa

atmosfera estivesse presente nas grandes manifestações que conduziram os Estados Unidos à independência ou a França à revolução e à queda da monarquia. Suspeitamos, contudo, que esses aspectos não tenham resistido à pós-modernidade e à queda de todo tipo de crença num conjunto coeso de justificativas político-ideológicas. Temo que a contemporaneidade mais se movimente pelas tentativas de satisfação de desejos mais prosaicos ou que então as buscas sejam as mesmas de sempre mesmo que mascaradas por uma atmosfera politicamente correta. Os temores então são os mesmos e transitam pela falta de dinheiro ou pela aspiração de propriedade de bens e serviços. Um ingrediente novo, especialmente naquelas sociedades mais bafejadas pelo aumento da riqueza - aquela em que existe o fenômeno da classe média que obteve estudos e que por isso aumentam o espectro de seus desejos - seja o enfrentamento do tédio bem como a aspiração pela novidade. Agregue-se a isso a vontade de ser visto ou de ver outras pessoas. Não entrarei aqui na temática tão cara à psicanálise de orientação freudiana, mas é impossível que não se recorde a presença do narcisismo. Em especial, aquele que se remete à aspiração por se utilizar um logo, se unir a ele, sendo de uma grande corporação ligada à moda ou a algum tipo de *blockbuster* político com heróis mascarados e que desejam unir o povo e liderá-lo contra as injustiças.

Talvez agora tenha ficado mais claro o que pretendi abordar bem como a minha indisposição em relação às tentativas de apropriação do cenário recente das manifestações em nosso país. Parece natural que o *corpus* das humanidades pretendam e almejem constituir conceitos que possibilitem as abordagens sobre o que recentemente veio a acontecer. No entanto, as louvações que se dão através dos títulos ou das alusões aos movimentos traem a presença de uma chegada constituída no século passado. Com isso eu pretendo dizer que além de ser um fenômeno ruidoso e que provocou alterações nos cenários urbanos - especialmente em relação ao direito de ir e vir - as manifestações podem ser tomadas como não necessariamente positivas uma vez que, para além das configurações hegeliano-marxistas, elas podem simplesmente nada significar de grandioso ou moralmente superior.

Referências

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SLOTERDIK, Peter. **O desprezo das massas: ensaio sobre as lutas culturais na sociedade moderna**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

FREUD, S. **A psicologia das massas, análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

SOWELL, Thomas. **Conflito de Visões: origens ideológicas das lutas políticas**. São Paulo: É Realizações, 2011

SOWELL, Thomas. **The Thomas Sowell Reader**, New York, Basic Books, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano demais Humano**, , São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade: uma história do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KIRK, Russell, **Selected essays**. Edited by George Panichas. Washington, DE: ISI books, 2007.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A Democracia na América**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TWENGE, Jean and Campbell, Keith. **The Narcissism Epidemic: Living in The Age of Entitlement**. New York: Atria Paperback, 2013.